EDITORIAL / *EDITORIAL*

A Sociedade Portuguesa de Doenças Infecciosas e Microbiologia Clínica



/ **J. Melo Cristino**
Professor Catedrático de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e Director do Serviço de Patologia Clínica do Hospital de Santa Maria

A Direcção da Sociedade Portuguesa de Doenças Infecciosas e Microbiologia Clínica entendeu por bem propor aos seus sócios o alargamento formal da Sociedade Portuguesa de Doenças Infecciosas à Microbiologia Clínica. Da aprovação e concretização da proposta resultou a actual designação da Sociedade. Caminho idêntico tem sido seguido, de há longa data, por vários países e, nomeadamente, também pela Sociedade Europeia que, na sua fundação no início da década de 1980 era a *European Society of Clinical Microbiology* e, alguns anos depois, passou a *European Society of Clinical Microbiology and Infectious Diseases*.

A Direcção da Sociedade Portuguesa de Doenças Infecciosas e Microbiologia Clínica entendeu por bem propor aos seus sócios o alargamento formal da Sociedade Portuguesa de Doenças Infecciosas à Microbiologia Clínica. Da aprovação e concretização da proposta resultou a actual designação da Sociedade. Caminho idêntico tem sido seguido, de há longa data, por vários países e, nomeadamente, também pela Sociedade Europeia que, na sua fundação no início da década de 1980 era a *European Society of Clinical Microbiology* e, alguns anos depois, passou a *European Society of Clinical Microbiology and Infectious Diseases.*

Esta aproximação reflecte, entre outros, o reconhecimento da grande proximidade existente entre as duas áreas. Para muitos microbiologistas clínicos é a concretização de um objectivo há muito pretendido mas que, por vicissitudes várias, não havia sido ainda alcançado. Cabe-lhes, agora, responder aos novos desafios com que estão confrontados e que sempre desejaram.

Muito para além da alteração no nome, foi criada na Sociedade uma possibilidade de maior aproximação científica e técnica entre profissionais, com potencial ganho para ambos. Com efeito, de entre aqueles que se dedicam à Microbiologia Clínica, é muito frequente a falta de conhecimentos da epidemiologia e da clínica das doenças infecciosas, incluindo aspectos muito relevantes para a actividade que desenvolvem. Suspeito que, também de entre os que se dedicam às Doenças Infecciosas, alguns terão conhecimentos limitados de microbiologia e pouca experiência de laboratório e dos condicionalismos inerentes à sua actividade.

Os desafios actuais são muitos e complexos. Persistem microrganismos patogénicos bem conhecidos há décadas mas que se mantêm entre os mais importantes agentes de infecção humana, como é o caso de *Mycobacterium tuberculosis* ou de *Plasmodium* spp. Novas infecções e novos agentes patogénicos vão sendo periodicamente descobertos (são exemplos recentes o coronavirus responsável pelo *SARS* e o vírus Nipah), incluindo alguns a que se atribui a etiologia de quadros clínicos há muito conhecidos, como é o caso de *Helicobacter pylori.*

A emergência e a disseminação de microrganismos resistentes a múltiplos antimicrobianos, tanto em ambiente hospitalar como, mais recentemente, também na comunidade (as enterobacteriácias produtoras de beta-lactamases de espectro estendido – *ESBL* e os estafilococos resistentes à meticilina –

MRSA contam-se entre os mais relevantes na actualidade) não param de aumentar, às quais se associa o preocupante desinvestimento da indústria farmacêutica no desenvolvimento de novos antimicrobianos.

A realidade do mundo actual, em que a enorme mobilidade populacional e de recursos é muito facilitada pelos modernos meios de transporte, favorece a disseminação de microrganismos habitualmente endémicos em regiões limitadas e promove a transmissão de infecções pela cadeia alimentar a nível global. O aumento populacional, a sua grande concentração em áreas restritas e a convivência próxima com animais predispõem à fácil proliferação de muitos microrganismos, especialmente os de transmissão respiratória, e à emergência de novas zoonoses, algumas constituindo uma ameaça à saúde pública a nível global, como é o caso da gripe aviária. Também as alterações climáticas e o aquecimento global têm permitido o aparecimento de microrganismos patogénicos em áreas onde tradicionalmente não existiam, por exemplo na sequência da expansão territorial dos seus vectores, como aconteceu com o vírus da febre do Nilo Ocidental.

No plano mais técnico, são cada vez mais poderosas as metodologias disponíveis para o estudo das Doenças Infecciosas e da Microbiologia Clínica. O desenvolvimento de ferramentas de diagnóstico é vertiginoso. Há uma pletora de possibilidades já em aplicação ou brevemente disponíveis, incluindo a enorme diversidade de metodologias moleculares, com as quais os profissionais destas áreas estão a ser confrontados e deverão saber lidar, conhecendo bem as suas potencialidades e limites.

O papel das sociedades científicas é muito importante na actualidade. Compete-lhes, entre outros, a divulgação de resultados relevantes resultantes de investigações recentes, a promoção e organização de actividades científicas nas suas áreas de especialidade, a elaboração de recomendações de actuação com base em conhecimentos científicos sólidos, a participação em actividades de formação, a defesa dos interesses das especialidades, o estabelecimento de canais privilegiados de comunicação com as universidades, hospitais, outras sociedades científicas, indústria, agências de financiamento, agências governamentais ou organizações não governamentais, e uma intervenção junto da população em geral no esclarecimento de situações específicas com dimensão clínica, científica, cultural ou social que o justifique.

A Sociedade Portuguesa de Doenças Infecciosas e Microbiologia Clínica está agora mais enriquecida. Para além de dispor de um órgão próprio de difusão escrita, a (ainda) Revista Portuguesa de Doenças Infecciosas, alargou o seu âmbito a toda a Microbiologia Clínica que, como parte integrante da Sociedade, passa a dispor de um fórum de intervenção privilegiado. Espera-se uma participação empenhada dos microbiologistas neste novo e estimulante desafio.

J. Melo Cristino